

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA – UFU

**O PROBLEMA DA HISTÓRIA COMO PROGRESSO, VISANDO
AO APERFEIÇOAMENTO DAS DISPOSIÇÕES HUMANAS PARA
UM FIM COSMOPOLITA**

DANIELA APARECIDA ALVES XAVIER

Uberlândia- MG

2018

DANIELA APARECIDA ALVES XAVIER

**O PROBLEMA DA HISTÓRIA COMO PROGRESSO, VISANDO
AO APERFEIÇOAMENTO DAS DISPOSIÇÕES HUMANAS PARA
UM FIM COSMOPOLITA**

Projeto de Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado ao Instituto de
Filosofia da Universidade Federal de
Uberlândia como requisito básico
para a conclusão do Curso de
Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos César
Seneda

Uberlândia- MG

2018

DANIELA APARECIDA ALVES XAVIER

**O PROBLEMA DA HISTÓRIA COMO PROGRESSO, VISANDO
AO APERFEIÇOAMENTO DAS DISPOSIÇÕES HUMANAS PARA
UM FIM COSMOPOLITA.**

Trabalho apresentado à banca
examinadora da Universidade
Federal de Uberlândia como
requisito à obtenção do diploma de
licenciatura em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos César
Seneda

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcos César Seneda

Prof. Ms. Cristiano Rodrigues Peixoto

RESUMO:

O presente texto busca compreender o conceito de educação, de acordo com a concepção exposta por Immanuel Kant. Abordaremos sua concepção de história como progresso e a evolução de cada homem a partir de um progresso individual que só se torna possível em conjunto e na sequência de cada geração. Kant insiste na importância do desenvolvimento das disposições humanas, por outro lado, o filósofo Walter Benjamin critica a história como progresso, afirmando a existência de uma ilusão desse percurso rumo ao progresso. A história marca acontecimentos importantes que devem ser lembrados, de acordo com Benjamin. Desse modo pretendemos investigar o percurso percorrido por Kant, para se pensar a história como progresso. A disciplina será uma ferramenta muito importante nesse percurso, assim, ao nascer, cada um deve ser educado para fazer o bom uso da sua própria razão. Kant afirma que o homem só será um verdadeiro homem, ao se submeter ao processo educacional.

Palavras-chave: Educação. História. Progresso.

ABSTRACT:

The present text seeks to understand the concept of education, according to Immanuel Kant. Will be approached his conception of History as progress and the construction of each man, with individual progress, which only becomes possible together and with each succeeding generation. Kant insists on the importance of the development of human dispositions, on the other hand the philosopher Walter Benjamin criticizes History as progress, stating the existence of an illusion of this path towards progress. The History marks important events that must be remembered according to Benjamin. In this way we intend to investigate the way of Kant to think of History as progress. Discipline will be a very important tool in this course, so, at birth each should be educated to make good use of his own reason. Kant states that man will only be a true man, by submitting to the educational process.

Keywords: Education. History. Progress

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 ANÁLISE SOBRE O CONCEITO DE HISTÓRIA E PROGRESSO	8
1.1 O problema da história como progresso	8
1.2 Uma análise da história do ponto de vista do filósofo Immanuel Kant	9
1.3 Uma breve análise sobre o conceito de história em Walter Benjamin e sua rejeição da noção de história como progresso	15
1.4 A noção de progresso em Kant e Benjamin	18
2 OS CAMINHOS PERCORRIDOS POR IMMANUEL KANT	22
2.1 Educação do homem em Kant e o progresso em Walter Benjamin.....	22
2.2 Estado de natureza e a importância de se disciplinar	23
2.3 O homem de acordo com Kant.....	25
2.4 A presença da moralidade nos homens	27
CONCLUSÃO	31
BIBLIOGRAFIA:	33

INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho pretende analisar o conceito de educação de acordo com o filósofo Immanuel Kant. Na obra *Sobre a pedagogia*, há uma descrição sobre a construção do conceito de pedagogia, explicando como esse conceito se desenvolve e se estrutura na vida cosmopolita. A investigação feita pelo pensador sobre a educação ganha uma grande dimensão, pois se trata de uma edificação do homem, que só se torna possível através do próprio homem.

Podemos pensar a educação kantiana analisada de uma perspectiva cosmopolita, tendo como escopo a noção de autonomia. A educação é uma construção, e o ser educado é ser cuidado por outro indivíduo já esclarecido. É o esclarecimento que procura abrir a possibilidade para a liberdade, que nada mais é do que fazer o uso correto da razão. A disciplina é um elemento importante, que habitua o homem desde o início a se submeter às leis humanas, impondo a si limites, e não apenas para si, mas também para sua vida em conjunto. O homem necessita dos cuidados de outros, uma vez que ele vive socialmente. Procurando se tornar autônomo, o homem precisa desenvolver a capacidade de se guiar por si mesmo em suas ações.

Conforme Kant apresenta na obra *Sobre a pedagogia*, a educação mostra-se importante, principalmente, porque não depende de um único indivíduo, mas de múltiplos seres. Sendo assim, é possível comprovar a existência de uma relação entre os homens, para uma edificação da educação tanto no coletivo como no particular. Um estudo rigoroso sobre esse tema se torna necessário para examinar a pedagogia como um exercício da disciplina, que só se torna possível por meio do esclarecimento adquirido pelo homem, tencionando a uma perfeição da espécie humana através do progresso da história dos homens.

O presente trabalho se mostra importante por colocar a questão da educação do ponto de vista da emancipação. O homem sempre procurou e deve continuar buscando atingir o mais alto grau educacional, pois a cada geração existe um progresso não apenas do indivíduo, mas também um progresso da espécie. Ele deve sempre explorar sua razão na construção de ideias educacionais cosmopolitas.

Analisamos a história como progresso, tendo a educação como um ponto fundamental para alcançá-lo. O homem deve disciplinar seu corpo, ao nascer ele deve

buscar seu esclarecimento, fazendo uso da sua própria razão. Portanto, deve agir moralmente em prol do fim da sociedade mais justa possível, para o melhor desenvolvimento das suas disposições naturais, contribuindo para o progresso. A questão do progresso é questionada por Walter Benjamin, que defende a ideia de progresso como ilusória, uma vez que a história dos homens é uma história de dominação, em que há vencidos e vencedores, e aqueles que não conseguiram ganhar a batalha tiveram suas histórias ocultadas, suas disposições não desenvolvidas, tecnologias perdidas, havendo uma exclusão vasta de indivíduos. Vivemos, portanto, em um estado de exceção, de acordo com Benjamin.

Para melhor investigar o progresso, fizemos um percurso sobre as obras de Kant. No primeiro capítulo analisamos seu conceito de história, sua visão de progresso, e a problemática dessa afirmação, buscando compreender o motivo para encontrar na educação uma abertura para o progresso descrito por ele. Para acentuar ainda mais essa problemática foi utilizado Walter Benjamin, que nega a ideia de progresso. Percorremos obras importantes de ambos os filósofos para fundamentar tal importância.

Já no segundo capítulo, foram abordados conceitos fundamentais da educação kantiana, para que assim possamos compreender o motivo pelo qual o filósofo afirma a existência do progresso na história, e sua importância para o desenvolvimento das capacidades da espécie e de cada indivíduo. É essencial que seja investigado também o estado de natureza no qual o homem se encontra, e os passos de sua evolução, pois é fundamental que ele se reconheça como humanidade e como parte essencial dela.

Desse modo, faremos uma investigação acerca de uma história que é anunciada, e Kant considera que existe uma ordem para as ações humanas. Ao perceber a história, é possível notar que há uma regularidade, vagarosa, mas considerável das leis naturais. Kant afirma que cada homem deve seguir o seu propósito, o propósito que a natureza tem individualmente para cada um de acordo com suas disposições, e dessa forma os homens estarão cumprindo o propósito da natureza humana.

1 ANÁLISE SOBRE O CONCEITO DE HISTÓRIA E PROGRESSO

1.1 O problema da história como progresso

A história, para Kant, é um processo no qual os homens fazem a sua construção e também se constroem. Ou seja, primeiramente, há um trabalho da construção da história de si mesmo, desenvolvendo-se por meio de fatos importantes que devem ser rememorados; em um segundo momento tem-se a construção da sua educação, que é vista por Kant como um progresso, embora Benjamin não acredite que exista progresso em uma sociedade que em todos os momentos viveu sobre bases de dominação de homens sobre outros homens, na qual a história é uma batalha e sempre foi contada pelos olhos daquele que venceu.

Analisaremos o conceito de educação kantiano pois, de acordo com Kant, ele é uma construção, ele expõe que a educação é característica própria dos seres humanos. A pedagogia kantiana surge com o objetivo de colocar a educação como um processo que é construído ao longo dos anos e por gerações. Ela é útil para que o indivíduo faça suas escolhas com autonomia, devendo aprender a guiar suas próprias ações para se emancipar. Faz parte dessa educação o esclarecimento, consequentemente propiciando o desenvolvimento da espécie humana, e não apenas do indivíduo. Kant afirma:

É difícil, portanto, para um homem em particular desvencilhar-se da menoridade que para ele se tornou quase uma natureza. Chegou mesmo a criar amor a ela, sendo por ora realmente incapaz de utilizar seu próprio entendimento, porque nunca o deixaram fazer a tentativa de assim proceder. Preceitos e fórmulas, estes instrumentos mecânicos do uso racional, ou, antes, do abuso de seus dons naturais, são os grilhões de uma perpétua menoridade. Quem deles se livrasse só seria capaz de dar um salto inseguro mesmo sobre o mais estreito fosso, porque não está habituado a este movimento livre. Por isso são muito poucos aqueles que conseguiram, pela transformação do próprio espírito, emergir da menoridade e empreender então uma marcha segura (KANT, 1985, p. 102).

Assim, é necessário que ele aprenda também a se submeter às leis dos homens. A educação assume um papel de edificação e fixação da sociedade civil. O indivíduo já nasce em um meio formado por seus antecessores, inserido em uma cultura, ele vai se adaptando ao ambiente em que ele se encontra.

1.2 Uma análise da história do ponto de vista do filósofo Immanuel Kant

De acordo com Kant, a história dos homens é uma história de progresso, ou seja, cada homem possui um progresso individual e também coletivo, completando a cada geração a história humana. O autor, em *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*, expõe que os homens são destinados a um fim último, esse fim último é alcançar a sociedade mais justa possível, é por essa razão também que os homens devem se educar. O filósofo busca entender a história da espécie humana em diversos tempos. As ações dos homens possuem extremo valor, devido ao controle de suas vontades que sempre devem ser analisadas e se necessário restringidas. Para Kant, existe uma regularidade das ações humanas na história, que deve ser descoberta. Os homens não agem somente com a razão ou só instintivamente, é possível que, ao se analisar algo que parece ser sábio, se desvele que nada há de sábio em determinada sabedoria. Kant afirma:

Como em geral os homens em seus esforços não procedem apenas instintivamente, como os animais, nem tampouco como razoáveis cidadãos do mundo, segundo um plano preestabelecido, uma história planejada (como é, de alguma forma, a das abelhas e dos castores) parece ser impossível. É difícil disfarçar um certo dissabor quando se observa a conduta humana posta no grande cenário mundial, e muitas vezes o que isoladamente aparenta sabedoria ao final mostra-se, no seu conjunto, entretido de tolice, capricho pueril e frequentemente também de maldade infantil e vandalismo: com o que não se sabe ao cabo que conceito se deve formar dessa nossa espécie tão orgulhosa de suas prerrogativas. Como o filósofo não pode pressupor nos homens e seus jogos, tomados em seu conjunto, nenhum *propósito* racional *próprio*, ele não tem outra saída senão tentar descobrir, neste curso absurdo das coisas humanas, um *propósito da natureza* que possibilite todavia uma história segundo um determinado plano da natureza para criaturas que procedem sem um plano próprio (KANT, 1986, p. 10).

O filósofo, aos olhos de Kant, deve pensar em um plano da natureza e não que os indivíduos seguem seu próprio plano, pois não se pode conjecturar acerca das ações dos homens, para se alcançar um fim cosmopolita. Deve-se encontrar um elo entre as histórias, a partir do qual aparecem indivíduos capazes de escrevê-la, ou seja, homens capazes de perceber esse plano da natureza que auxilia no progredir da história. Analisar as ações humanas estabelecidas pelas leis naturais dá abertura para justificar a existência de uma história que é anunciada, e Kant considera que existe uma ordem para as ações humanas, isto é, uma história projetada, dada pela natureza e que deve ser desenvolvida pelo homem. Ao analisar um sujeito em particular, que possui irregularidades nas ações,

e ao projetar suas ações em conjunto, se percebe que o que era uma ação irregular de um sujeito particular, em conjunto deixa de ser particular, pois vários indivíduos possuem ações semelhantes, e isso se torna um desenvolvimento vagaroso, mas existente.

Existe no homem a potência para desenvolver suas capacidades e ele deve aperfeiçoá-las, para alcançar a sociedade mais justa possível e contribuir para o desenvolvimento de suas disposições naturais. Assim, Kant busca um indício de uma ordem da história dos homens, já que existe uma ordem para as leis da física encontradas por Newton. Kant desenvolve nove proposições. A Primeira Proposição consiste em expor que todas as capacidades do homem devem ser desenvolvidas, conforme a destinação do fim último do homem, que é atingir a sociedade mais justa possível. O filósofo exemplifica mencionando um órgão que não possui função. Ele então seria desnecessário, não possuiria uma finalidade, estaria em desacordo com a *teleologia*, não existiria nele regularidade, pois esse órgão agiria em disfunção, não possuindo, portanto, uma finalidade. A título de exemplo, analisaremos o coração: sua finalidade é bombear sangue para todo o corpo; logo, a finalidade do homem é desenvolver suas potências para alcançar o propósito que a natureza tem para ele: a sociedade justa.

Na Segunda Proposição, Kant afirma que o homem se distingue dos demais animais pela racionalidade, é isso que faz dele um ser diferente. A razão no homem permite que este imponha limites a si próprio e faça um uso correto das suas disposições naturais, mesmo não conhecendo os limites dos seus fins racionais. Por esse motivo o homem deve exercer suas potências do melhor e mais elevado nível possível na espécie.

Aborda-se na Terceira Proposição a questão da natureza do homem, que segundo o filósofo é de apetites. Eles devem ser controlados, pois não se recomenda apenas viver de forma mecânica, esse controle possibilita que ele alcance o seu fim cosmopolita fazendo uso da sua própria razão. A natureza humana é marcada por uma potência, isto é, o homem é dotado de capacidade para desenvolver suas virtudes com excelência, ele busca controlar suas paixões, pois as paixões impedem que ele desenvolva suas virtudes, contribuindo para sua educação individual e social. É evidente a existência de um compromisso, do qual ele não pode e não consegue se desvincular, o homem tem marcado em si o germe da razão. Assim, é importante que seja extraído o máximo das virtudes de cada um de modo que se possa construir um destino racional para todos.

Na Quarta Proposição, Kant trabalha a questão das disposições como antagônicas ao desenvolvimento das disposições humanas, que ele denomina de “insociável

sociabilidade”, isto é, o homem tende a ser um ser insociável devido a sua natureza que é a de selvageria. A sociabilidade vem da sua potência em desenvolver suas capacidades, da qual ele não pode se desvincular, por essa razão o homem pensa a questão da moral, por ter em si o desejo de domínio, cobiça, inveja, acreditando que os homens estão uns contra os outros a todo o momento.

Eu entendo aqui por antagonismo a insociável sociabilidade dos homens, ou seja, a tendência dos mesmos a entrar em sociedade que está ligada a uma oposição geral que ameaça constantemente dissolver essa sociedade. Esta disposição é evidente na natureza humana. O homem tem uma inclinação para associar-se porque se sente mais como homem num tal estado, pelo desenvolvimento de suas disposições naturais. Mas ele também tem uma forte tendência a *separar-se* (isolar-se), porque encontra em si ao mesmo tempo uma qualidade insociável que o leva a querer conduzir tudo simplesmente em seu proveito, esperando oposição de todos os lados, do mesmo modo que sabe que está inclinado a, de sua parte, fazer oposição aos outros. Esta oposição é a que, despertando todas as forças do homem, o leva a superar sua tendência à preguiça e, movido pela busca de projeção (*Ehrsucht*), pela ânsia de dominação (*Herrschaft*) ou pela cobiça (*Habsucht*), a proporcionar-se uma posição entre companheiros que ele não *atura* mas dos quais não pode *prescindir* (KANT, 1986, p. 13).

A insociabilidade auxilia no desenvolvimento das disposições humanas, já que, de acordo com filósofo, o homem deseja viver no conforto, na preguiça, porém a natureza reconhece a necessidade dessa insociabilidade que é intrínseca a cada homem, proporcionando o desenvolvimento das disposições de cada um.

O filósofo, na Quinta Proposição, trata da maior exigência que a natureza faz aos homens, ou seja, atingir a sociedade mais justa possível. Os homens possuem uma liberdade, mas a liberdade em seu mais alto grau é aquela do indivíduo que se encontra em sociedade e reconhece a necessidade de leis exteriores ao homem, levando-o ao alcance da sociedade mais justa possível. A “liberdade selvagem”, como é exposta por ele, é aquela em que o indivíduo não possui nenhum vínculo com o outro, e o leva a uma liberdade com coerção, onde todos os indivíduos passam a controlar seus apetites.

Já na Sexta Proposição, o autor trata da importância de um tutor na vida de outro ser. Como, por exemplo, a criança, ela nasce e possui disposições para desenvolver suas potências, porém ela necessita que outro indivíduo lhe mostre esse caminho, pois ela ainda não sabe fazê-lo sozinha, necessita de uma pessoa que já fez tal percurso, que saiba fazer uso de sua razão, até que ela atinja conhecimento suficiente e saiba fazer o uso de sua razão, sem o auxílio de outrem. Se o indivíduo não faz uso da sua razão, nada o

diferencia dos outros animais. Surgem, então, as leis que servem para que haja uma autoridade maior, para que ninguém faça uso abusivo de sua liberdade. O “supremo chefe” que será responsável por governar, deve ser um homem justo e que não pense em beneficiar apenas a si mesmo, mas deve pensar no bem-estar social.

Seguindo adiante, Kant descreve a Sétima Proposição, que é referente à “insociável sociabilidade” entre os Estados. As leis civis devem ser ordenadas de acordo com as leis individuais, para que depois se atinja uma união das nações que zelem pelo “direito” e “segurança” de todos os seus membros. O estado natural força os homens a introduzirem-se numa sociedade civil. Ao entrar em guerra, os Estados destroem a cultura e o desenvolvimento de capacidades, impedindo o progresso. Por outro lado, percebemos também que os Estados se veem obrigados a encontrar formas de estabilidade, sendo forçados a destruírem as leis anteriores para que se possam fundamentar outras novas e mais eficientes, que visem a uma união positiva, para finalmente alcançar um Estado cosmopolita.¹ Kant observa:

Tão fantástica (*schwärmerisch*) quanto esta ideia possa parecer, e embora, enquanto tal, se preste ao riso no Abbé de Saint-Pierre ou em Rousseau (talvez porque eles acreditassem na realização demasiado próxima dela), é a saída inevitável da miséria em que os homens se colocam mutuamente e que deve obrigar os Estados à mesma decisão [...] que coagiu tão a contragosto o homem selvagem, a saber: abdicar de sua liberdade brutal e buscar tranquilidade e segurança numa constituição conforme leis. Todas as guerras são, assim, tentativas (não segundo os propósitos dos homens, mas segundo o da natureza) da Natureza) de estabelecer novas relações entre os Estados e, por meio da destruição ou ao menos pelo desmembramento dos velhos, formar novos corpos que porém, novamente, ou em si mesmos ou na relação com os outros, não podem manter-se, e por isso precisam enfrentar novas revoluções semelhantes; até que finalmente, em parte por meio da melhor ordenação possível da constituição civil, internamente, em parte por meio de um acordo e uma legislação comuns, exteriormente, seja alcançado um estado que, semelhante a uma república (*gemeines Wesen*) civil, possa manter-se a si mesmo como um autômato (KANT, 1986, p. 17-18).

Na Oitava Proposição, o autor aborda a questão da história da espécie humana como um movimento já destinado. Existe na natureza um plano oculto que é o desenvolvimento da sociedade mais perfeita possível no seu interior, tendo como

¹ κόσμος (*kósmos*), cujo significado pode ser “ordem”/“organização”, e πόλις (*Pólis*) que significa cidade. Mais adiante será exposto, o significado do termo kantiano de cosmopolitismo.

instrumento, para se alcançar tal sociedade, o homem. Para o pensador, essa proposição é de suma importância, pois contém uma importante análise: “o problema está em saber se a experiência revela algo de um tal curso do propósito da natureza” (KANT, 1986, p. 20). No trecho percebe-se que Kant levanta a experiência como um problema que se apresenta ao estudar a *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. Seu conceito de história como progresso coloca em dúvida o conjunto de experiências que se sucedem ao longo da vida e da história, como uma possibilidade para que o homem desvende o propósito que a natureza tem para ele. O filósofo responde que a experiência dá abertura para mostrar apenas o percurso que cada um deve percorrer, pois se trata de um ciclo extenso, que demanda tempo e que também não é determinado, isto é, não existe um caminho perfeito a ser percorrido, o fim é o da sociedade justa, porém os meios são ocultos pela natureza.

A Nona Proposição trata da existência de uma história da espécie humana universal de acordo com um plano da natureza, resultando em uma concórdia de todos na espécie com aquilo que é positivo ao propósito que a natureza traçou para todos. Em um primeiro momento, parece extravagante afirmar que há uma história e uma orientação de como teria que ser o mundo. Isto é, parece pouco crível que deve haver uma educação de si mesmo, de tal modo que nos anos iniciais deva ser acompanhada por um responsável, preparando para uma emancipação do indivíduo desse cuidado do outro, a fim de que ele aprenda por si mesmo a fazer uso da sua própria razão, seguindo um plano que está dado no mundo sem que consigamos apreendê-lo, podendo dele apenas termos uma noção. Desse modo, buscamos um direcionamento para se chegar numa sociedade justa. A partir disso, podemos afirmar que há indivíduos esclarecidos, há, portanto, pessoas que refletem sobre a sociedade e conseguem encontrar nela “um fio condutor histórico”. Mas é preciso analisar rigorosamente esse fio condutor, pois é por meio dele que se desenvolve a constituição política, fundando leis mais eficientes e perfeitas. Esse “fio condutor”, não é facilmente perceptível e não pode ser negado, é perceptível ao afirmar que a natureza possui um plano, no qual os homens caminham para atingir seu fim cosmopolita.

Com a análise das nove proposições kantianas, percebemos como os escritos de Kant se unem, vinculando-se com o seu modelo de educação. Kant insiste na importância do desenvolvimento das disposições humanas, ressaltando sempre a importância da construção do processo educativo. Sua educação possui duas vertentes: a educação física

e a educação prática². A física diz respeito ao cuidado com o corpo e a prática diz respeito à prudência e à capacidade de desenvolvimento das disposições naturais do homem. Uma educação completa a outra.

O fato de o homem estar situado no campo numênico e fenomênico abre a possibilidade de pensá-lo no interior de uma história pautada no progresso. Immanuel Kant é um liberal, pois acredita que a educação deve ser para todos e ela se inicia logo após o nascimento do indivíduo, estendendo-se por toda a vida. Inicialmente, é marcada por um incentivo ao controle dos apetites, pois há no início a presença de um tutor, que mostrará ao aprendiz o caminho correto a ser seguido. Nos anos iniciais de cada ser humano, ele possui alguém que o conduz, com o passar do tempo, ele é responsável por conduzir a si mesmo, possuindo uma liberdade para governar a suas próprias ações. O homem deve ser visto como um fim, ao se enxergar no âmbito de executar suas ações, fazer uso da sua razão. Isso permite que ele reconheça a si mesmo e se desenvolva no seu grau mais perfeito.

A história kantiana é marcada por um *porvir*, isto é, cada geração possui a chance de se refazer e se superar, tendo como instrumento o homem que se encarrega da sua realização e traz consigo a noção de progresso. O homem tem como tarefa o desenvolvimento de suas disposições, vale lembrar que ele não deve se desviar desse plano que a natureza tem para ele. Ao nascer, ele se insere na sociedade, e para permanecer nela é tarefa de cada indivíduo se educar e buscar desenvolver suas disposições naturais, contribuindo para o desenvolvimento de si como homem, da sua história e também da história da humanidade, existindo, assim, progresso. Celso Moraes Pinheiro afirma o seguinte:

A educação busca garantir a cada indivíduo a condição para que possa compreender-se e estabelecer-se como humanidade, isto é, cada homem se torna e se reconhece no conceito de humanidade. Para tanto, faz-se necessário o progresso, pois, por meio dele está garantida a possibilidade de vislumbrarmos a finalidade moral do homem, não sob um aspecto individualista, mas universal, isto é, a noção de progresso dá ao homem a esperança de atingir sua inteira finalidade na espécie. Podemos perceber claramente essa afirmação quando vemos que Kant

² Pinheiro afirma que a cultura é o mais alto grau de desenvolvimento do indivíduo, onde ele “respeita” as leis morais puramente por respeito, pois o homem toma consciência de que age de tal modo porque deve agir de tal forma, e não por estar, por exemplo, com medo da repressão de outrem, mas unicamente porque sua ação não deve ser de outro modo. Mesmo que ela não lhe agrade, o homem sabe que deve agir de tal forma (2007, p. 17).

afirma que a busca pelo fim é levada a cabo individualmente, mas apenas a espécie poderá gozar de sua inteira destinação. Ora, com isso, descobre-se a importância da sociedade, pois apenas nela o homem pode afirmar-se. Mediante o progresso em sociedade o homem encontra a possibilidade de desenvolver sua cultura e seu esclarecimento. Assim, a sociedade civil é o ponto de partida que possibilita a realização teleológica da liberdade e do postulado moral da liberdade”. (2007, p. 16)

Na análise de Celso de Moraes Pinheiro em relação a Kant, a educação permite que cada homem consiga se afirmar como humanidade. “A educação busca garantir a cada indivíduo a condição para que possa compreender-se e estabelecer-se como humanidade, isto é, cada homem se torna e se reconhece no conceito de humanidade” (PINHEIRO, 2007, p. 16). Isto é, o homem vive na selvageria, porém ele precisa e deve exercitar suas disposições, pois existe também na natureza um antagonismo que não permite que ele fique estático, forçando-o a contribuir para o desenvolvimento individual e da espécie. Desse modo, a educação é de extrema importância, pois permite ao homem, ao mesmo tempo, se projetar na história da espécie e também ter uma compreensão de si mesmo.

A noção de progresso em Kant nos remete à questão moral. Ao nascer o indivíduo é educado, e adquire a responsabilidade de fazer parte da noção de que há um progresso, com vistas a que ele desenvolva suas disposições, para a formação de uma sociedade mais justa possível, ou seja, moral. Esse progresso kantiano não é apenas um progresso técnico, em que a cada geração uma sociedade participa desenvolvendo-se mais que as gerações anteriores, mas um progresso moral destinado ao homem e a toda espécie humana.

1.3 Uma breve análise sobre o conceito de história em Walter Benjamin e sua rejeição da noção de história como progresso

É importante fazer uma exposição de Walter Benjamin nesse trabalho, pois sua visão de história e progresso contrasta com a de Kant. Começamos por analisar o que é a história do ponto de vista do filósofo Walter Benjamin.

Em *Sobre o conceito de história*, o autor lança a ideia de uma máquina que reproduz movimentos mecânicos, de forma que se pode dar uma resposta, como, por exemplo, em um jogo de xadrez, no qual o indivíduo que conhece o jogo e as jogadas que podem ser feitas consegue enfrentar seu adversário de modo mecanizado. O autor faz uso

de uma metáfora, operando com o fantoche denominado de materialismo histórico. Esse é responsável por certificar a vitória do jogo de xadrez, se escorando na teologia³. A ideia de história, para Benjamin, é referente ao passado, que por sua vez traz uma possível libertação, pois os fatos se repetem e podem ser observados e evitados. Para a humanidade a história não é perdida, tudo que se passou deve ser considerado. Por mais que os fatos sejam datados, os momentos nunca devem ser esquecidos e, portanto, devem ser sempre considerados.

De acordo com Benjamin, o historiador de Karl Marx tem consciência de que há uma luta de classes: “a luta de classes, que um historiador educado por Marx jamais perde de vista, é uma luta pelas coisas brutas e materiais, sem as quais não existem as refinadas e espirituais” (BENJAMIN, 1987, p. 223). Ou seja, a vida material possibilita a existência da vida espiritual; as “coisas espirituais”⁴ não devem ser vistas como os restos da classe derrotada dado à classe vencedora. Deve haver o questionamento de cada vitória da classe dominante. A história deve sempre ser rememorada, ou seja, os homens do presente devem sempre olhar para os acontecimentos do passado. O materialismo histórico deve estar em alerta até mesmo para a mais insignificante das transformações, por menos importante que ela possa parecer.

Unir os fatos históricos não quer dizer que se possa conhecer os fatos como eles de fato aconteceram, mas tem o sentido de relembrar algo que no instante é uma ameaça. É tarefa do materialismo histórico estabelecer essa representação do passado, isto é, expor como um fato perigoso aconteceu anteriormente. O materialismo histórico deve alertar no instante em que há possibilidade dele se repetir novamente na atualidade. O perigo ameaça a existência de homens vivos e sem homens vivos não há história. O perigo ameaça também a existência dos dominadores. Despertar a parte espiritual entre os homens, significa despertá-los para a existência de um messias que se apresenta ora como o messias salvador, ora como vencedor do anticristo. O historiador tem a capacidade de despertar nos outros a esperança, que pode ser analisada como a esperança da mudança de um fato ruim não se repetir novamente, ou, analisando de outro modo, despertar por

³ Neste caso, o fim é a felicidade que se espera na salvação.

⁴ Um exemplo de “coisas espirituais” é a religião. O proletário, de acordo com Marx, tem sido determinado, mas isso não significa que não há a possibilidade de mudança. Marx, no *Manifesto do partido comunista*, afirma que a história dos homens tem sido uma história da luta de classes, mas ele não nega a possibilidade dos proletários romperem com essa história, porém é necessário que o proletário tome consciência de si como classe proletária. A religião se torna como um escopo para consolar a classe derrotada, auxiliando também na dominação da classe em Benjamin.

meio religioso a esperança entre os homens sem consciência de que os mortos estarão inseguros com a vitória do inimigo, que sempre tem vencido, por isso é necessário lutar. A história tem essa particularidade de os fatos poderem ser rememorados constantemente. Nós a observamos e vemos uma calamidade, vemos uma série de acontecimentos uns sobre os outros, que se dispersam. O sujeito histórico é dominado, ou seja, os operários de Marx são aqueles que, para Benjamin, vingariam as gerações anteriores que tiveram suas histórias não contadas. Porém, os operários possuem a consciência dos seus antepassados que foram escravizados e não daqueles que se libertaram. Benjamin alega o seguinte:

O sujeito do conhecimento histórico é a própria classe combatente e oprimida. Em Marx, ela aparece como última classe escravizada, como a classe vingadora que consome a tarefa de libertação em nome das gerações de derrotados. Essa consciência, reativada durante algum tempo no movimento espartaquista, foi sempre inaceitável para a social-democracia (BENJAMIN, 1940, p. 228).

A social-democracia defende uma espécie de doutrinação da existência de um progresso histórico, porém não há um elo com o real aos olhos de Benjamin. De acordo com os social-democratas, o progresso seria uma história de todos os homens, que caminham em conjunto para um fim a ser realizado em si mesmo. Não haveria um limite para esse progresso, o que indica que o homem poderia aperfeiçoar suas potências no mais alto grau da espécie humana (perfectibilidade humana). Por fim, esse é um processo automático, em relação ao qual o homem não pode resistir.

A teoria e, mais ainda, a prática da social-democracia foram determinadas por um conceito dogmático de progresso sem qualquer vínculo com a realidade. Segundo os social-democratas, o progresso era, em primeiro lugar, um progresso da humanidade em si, e não das suas capacidades e conhecimentos. Em segundo lugar, era um processo sem limites, ideia correspondente à da perfectibilidade infinita do gênero humano. Em terceiro lugar, era um processo essencialmente automático, percorrendo, irresistível, uma trajetória em flecha ou em espiral. Cada um desses atributos é controvertido e poderia ser criticado. Mas para ser rigorosa, a crítica precisa ir além deles e concentrar-se no que lhes é comum. A ideia de um progresso da humanidade e na história é inseparável da ideia de sua marcha no interior de um tempo vazio e homogêneo. A crítica da ideia do progresso tem como pressuposto a crítica da ideia dessa marcha (BENJAMIN, 1940, p. 229).

Assim, Benjamin expõe que esses argumentos podem ser contestados, por exemplo, toda ciência pode ser contestada e deve ser contestada, e por essa razão deve-se

encontrar um ponto em comum para que se faça uma crítica com uma forte argumentação. É possível fazer um percurso observando a história, no tempo passado e no tempo presente, e também observar a possibilidade de tal fato histórico se repetir no futuro, ou seja, é possível transitar no tempo, por meio de fatos históricos, tempo esse que pode ser vazio ou parecido a um fato já acontecido. Por fim, a crítica feita por Benjamin à história como progresso é a de que esse progresso parte da ideia de uma suposição desse percurso feito no tempo. A história marca acontecimentos importantes que devem ser lembrados.

De acordo com o filósofo, a história é uma construção repleta de “agoras”. A moda, por exemplo, sempre se repete, sai, volta, fica ultrapassada, volta renovada, aperfeiçoada, ou um pouco modificada. A história possui um vai e vem, um movimento, sempre com a possibilidade de revolução, como era exposta por Marx. Na história temos momentos que foram marcados pelas gerações revolucionárias, em nossos calendários esses dias são rememorados como fatos que marcaram o passado.

Por fim, Benjamin dá características que são próprias do historicista e revela que sua função é expor uma imagem do passado que se eterniza, já o materialista histórico faz com que cada momento se torne único. O historicismo satisfaz-se com os fatos ocorridos na história, marcando-a fortemente, podendo ele ter ocorrido há milhares e milhares de anos. Já o historiador possui a consciência de que cada momento acontecido anteriormente pode se repetir novamente no futuro, denominado por ele de *agora*; com fragmentos do messiânico⁵. Interrogar a história significa uma tentativa de explicitação da possibilidade dessa mudança, é relembrar a libertação de alguns indivíduos que fizeram revolução e marcaram momentos da história na busca pela liberdade, pois cada instante guarda a possibilidade de se introduzir a figura do messias.

1.4 A noção de progresso em Kant e Benjamin

Kant toma a história como progresso, portanto, seguindo essa linha de raciocínio, poderíamos afirmar que, sob certo ponto de vista, existiu progresso mesmo que se tenha

⁵ Para Rui Bragado Sousa, o messiânico são os proletários, que ao se tornarem conscientes possuem a capacidade de mudar sua história, fazendo revolução e interrompendo o curso da história, que até o momento tem sido uma história na qual os burgueses dominam os proletários (esses se tornam uma esperança, possibilidade de mudança) (2013, p. 101).

perdido vidas de modo muito bárbaro. Mesmo com todo o sangue derramado, para o filósofo há progresso.

Em uma *Breve apresentação de: «do carácter da humanidade em geral»*. Lições sobre antropologia⁶, Kant expõe um dos pontos principais da teoria da educação enquanto futuro da humanidade. Isto é, Kant expõe como a educação dos indivíduos deve ser construída, mas sua principal importância e foco se encontra na destinação da humanidade. Ele expõe o caminho que os homens devem seguir para que se atinja uma perfeição de toda a espécie humana. É fundamental que se observe a filosofia de Kant como antropológica, dando ênfase ao homem, à sua origem e ao seu fim, não individual, mas da espécie. É necessário frisar que o filósofo trabalha o curso de Antropologia sem a existência de um manual, isso significa que Kant tinha uma liberdade maior para poder expor os problemas da época, retomar a história, expor seus pensamentos, tendo por base diversas fontes, por exemplo, Rousseau.

Tem-se um pensamento de grande magnitude, pautado pela contraposição entre moralidade e animalidade. Isto é, existe um confronto entre ambos, que só é desenvolvido a partir do momento em que o homem decide fazer uso da sua razão, adquirindo liberdade e conseqüentemente se consolidando como um verdadeiro homem. Não é possível que o homem sozinho encontre o estado de perfeita civilização. Tal estado só é possível de ser atingido em conjunto, isto é, com toda a sociedade. Kant afirma:

Há muitos germes na humanidade e toca a nós desenvolver em proporção adequada as disposições naturais e desenvolver a humanidade a partir dos seus germes e fazer com que o homem atinja sua destinação. Os animais cumprem o seu destino espontaneamente e sem o saber. O homem, pelo contrário, é obrigado a tentar conseguir o seu fim; o que ele não pode fazer sem antes ter dele um conceito. O indivíduo humano não pode cumprir por si só esta destinação. (KANT, 1996, p. 18).

É mencionado no texto *Sobre a pedagogia* o uso dos dois pés do homem, sendo que de início se poderia considerar que o homem rastejava sobre quatro membros. Ao longo do tempo, ele se desenvolveu, usou sua razão, e cultivou suas faculdades. Isso indica que o homem se desenvolveu com o decorrer do tempo.

⁶ A tradução desse texto foi feita por Fernando Manuel Ferreira da Silva, constando uma introdução de Leonel Ribeiro dos Santos (2013) que procurou expor a originalidade das ideias de Kant nesse texto.

Kant apresenta uma reflexão bastante consistente, mas Walter Benjamin chama a atenção para a não existência do progresso na história, pois, aos seus olhos, a devastação causada pelo que se denomina de progresso é gigantesca e a noção de avanço é ilusória. Temos a sensação de que há progresso científico, ao usufruirmos da comodidade causada pelo desenvolvimento científico, porém, é isso que se chama de progresso ilusório aos nossos olhos, tornando-nos seres mais cômodos, que adquirem respostas acabadas e facilmente aceitas, sem questionamentos.

De acordo com Machado (2010, p. 3), a história é pensada como progresso por existir uma determinada continuidade na história escrita e vivida por seres que acreditam que existe progresso, o qual será desenvolvido e continuado a cada geração. Porém, Benjamin discorda disso, afirmando que esse é um progresso vazio, que só é permitido se pensar na sua existência quando afirmamos que existe um caminho a ser continuado. Só me é permitido pensar o progresso ao afirmar que ele existe e deve ser continuado.

Kuciak pondera: “Estar lá, ser um dos últimos a abandonar, é coerente com suas teorias e com estas teses que, devido a esse gesto de resistência, ganhou a força da autoridade. Outra força é a sua atualidade. A lógica histórica que desconsidera os vencidos (que em nosso tempo continuam em estado de exceção)”. (KUCIAK, 2005, p. 2). Estudando a questão do progresso em Benjamin, ele afirma que a situação atual dos povos sempre é a de um estado de exceção⁷, se tornando necessário reformular um conceito compatível com essa verdade⁸.

Então, ponderamos no final desse capítulo a importância de se pensar a história como progresso, e observamos que em algumas gerações a devastação foi muito grande como, por exemplo, a operada pelo nazismo na Alemanha. Assim, assumimos mediante os olhos de Benjamin, que não há progresso em determinados momentos devido à agressividade do seu surgimento. No sistema capitalista pensamos na exclusão da massa em relação à saúde, educação; não conseguimos enxergar, em um primeiro momento a existência de um progresso, mas percebemos que de certo modo ele existe e se restringe

⁷ Para Walter Benjamin, o estado de exceção é devido à concepção da história dos homens, que sempre é contada a partir do olhar do vencedor, sendo o olhar dos vencidos deixado de lado.

⁸ Devemos lembrar que há três pontos importantes para a teoria do conhecimento de Benjamin: a verdade, o conhecimento e a realidade. Isto é, analisa-se o conhecimento, ou seja, como ele é fundamentado e também como ele se dá em possibilidade. Temos a partir daí a realidade, que apresenta como aquilo de fato é, por exemplo, a história que é contada do ponto de vista daquele que venceu. Mas ela deve ser analisada dos dois lados, portanto, temos a sua verdade.

a uma pequena parcela da população. Em relação à educação, analisaremos no próximo capítulo como ela progride e se constrói aos olhos de Kant.

2 OS CAMINHOS PERCORRIDOS POR IMMANUEL KANT

2.1 Educação do homem em Kant e o progresso em Walter Benjamin

De acordo com Immanuel Kant, o homem, diferente dos animais, é dotado de razão. Os animais possuem em si uma força, responsável por impedir com que eles cometam atos danosos a si mesmos. A educação é o zelo com o corpo e, como será exposto ao longo do trabalho, se estende também ao cuidado com o desenvolvimento das capacidades de cada indivíduo de modo particular e coletivo. A educação do homem kantiano consiste em ser não apenas nutrido, mas também cuidado. Desse modo, o homem passará por duas etapas ao longo da sua vida, nas quais ele é: criança a ser cuidada e aquele que irá cuidar da educação de outro.

É por meio da disciplina⁹ que o homem se insere na humanidade, ou seja, ao nascer ele se encontra em estado de selvageria¹⁰, não possui controle dos seus instintos, podendo fazer de tudo; mas pertence ao homem a necessidade de fazer uso da sua razão. Por esse motivo, ele necessita construir sua própria conduta, isto é, ele precisa aprender a fazer uso da sua própria razão. O homem não faz uso do seu próprio entendimento ao nascer, mas vai adquirindo essa capacidade ao longo de sua vida, saindo de seu estado bruto, para adentrar em um mundo civilizado. Isso significa que, ao nascer, ele é cuidado por outro e se prepara para ser autônomo: outro homem faz escolhas por ele, lhe mostra o caminho a ser seguido, até que ele tenha a capacidade de fazer uso de sua razão por si mesmo.

Entre os homens está engendrada a necessidade de se fazer uso de suas capacidades. Por essa razão, cada indivíduo deve por si mesmo desenvolver seus germes naturais. Em Kant, a geração anterior se encarrega de educar a próxima. Desse modo, podemos perceber a existência do progresso em meio ao arquétipo educacional exposto por Kant por meio da educação, que postula o aperfeiçoamento de cada geração de homens, que se educam, se emancipam e constroem sua história, indivíduos que não

⁹ Em *Um diálogo entre as concepções de disciplina de Kant, Dewey e Freire*, é possível observar como a disciplina, ao longo dos anos, foi estudada por diferentes autores, não apenas por Kant, mas também por Dewey, Freire e diversos outros. Portanto, notamos a necessidade de fazer uma investigação a seu respeito. É através da disciplina que os homens se introduzem na sociedade, passando a se respeitar uns aos outros, evitando seus apetites. “Kant considera fundamental que as crianças recebam uma educação para a índole, que abranja os cuidados da disciplina, como noções de direitos e deveres” (LOURENÇO FILHO et al., 2013, p. 4)

¹⁰ “Aqueles que não receberam nenhum tipo de educação” (KANT, 1996, p. 16).

apenas fazem parte do progresso, como também participam de uma história de homens, que carregam consigo aprendizado de diversas gerações. Ao contrário de Kant, Walter Benjamin não crê na existência de progresso na história:

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso (BENJAMIN, 1987, p. 226)

A comparação do quadro de Klee com a história, exposto por Benjamin, coloca o problema do sentido da história, pois os homens possuem apenas uma ilusão de que está ocorrendo um progresso, mas esse progresso não existe de fato, uma vez que a humanidade não progrediu em si. A história é contada pelo olhar daqueles que sobreviveram para contá-la, os vencidos foram mortos, dominados e não possuem espaço para contar sua versão. Por isso o autor expõe que a história olha para o passado, percebe que foi uma história contada sobre ruínas. Aos olhos de Benjamin, parte dessa narração é ignorada, pois se fosse possível trazer de volta os mortos, a história iria adquirir um sentido diferente, incompatível com isso que se chama de progresso.

2.2 Estado de natureza e a importância de se disciplinar

Ao tratar da discussão de que uma geração sempre será encarregada de educar a próxima, construindo a ideia da existência de progresso, Kant coloca em questão o início das gerações, que pode ser suposto de duas maneiras: inicia-se em um momento em que o homem é um selvagem; ou no momento em que os homens se encontram no mais alto grau de civilização. O segundo momento supõe que, se o homem tem de fato essa origem, ele então deve ter se entregado aos seus desejos.

A espécie humana é obrigada a extrair de si mesma pouco a pouco, com suas próprias forças, todas as qualidades naturais, que pertencem à humanidade. Uma geração educa a outra. Pode-se buscar o começo da humanidade num estado bruto ou num estado perfeito de civilização. Mas, neste último caso, é necessário admitir que o homem tenha caído depois no estado selvagem e no estado de natureza rude (KANT, 1996, p. 12).

Analizamos que há duas possibilidades de originalidade da espécie humana. Há duas opções apresentadas pelo filósofo. A primeira é que ela tenha surgido no seu mais alto grau de civilização e foi se perdendo, se direcionando para outros caminhos devido aos apetites. A segunda é que originalmente surgimos em um estado de brutalidade e consequentemente estamos aperfeiçoando nossas capacidades e controlando nossos apetites.

Notamos alguns elementos importantes da educação kantiana. A disciplina assume um papel importante na vida do homem, de modo que ela não permite que ele se desvie e seja dominado por seus caprichos e desejos; o homem disciplinado controla seus apetites, para que não caia no perigo e viva como um selvagem, sem ter domínio da sua própria razão. Assim, há na educação a forte importância da disciplina, a educação se apresenta como negativa e positiva: negativa, dado que controla o instinto selvagem do homem, e positiva, no que corresponde à instrução, que consequentemente possibilita o desenvolvimento da educação.

O homem que se encontra em estado selvagem não é guiado por nenhuma lei. A disciplina fará com que ele não se deixe levar por seus instintos selvagens. O homem deve sentir a força da disciplina logo no início de sua vida, ir à escola, por exemplo, é treinar o corpo, buscando superar a vontade de não estar sentado para assistir a uma aula. Esse é um modo de disciplinar o corpo, impondo a ele força para não ficar em pé durante a aula. A disciplina coloca um limite na vontade do indivíduo, executando na prática a imposição de um costume ao corpo diante de um capricho, que deve ser superado com resistência.

Para Kant, o homem deixa seu estado selvagem, pois possui uma inclinação à liberdade. Por essa razão, começar a disciplinar o corpo na infância é fundamental. Quando não há a presença da disciplina, seus próprios caprichos impedem que ele faça o exercício da sua razão, vivendo de modo selvagem, sem controle dos seus impulsos, não desenvolvendo suas capacidades naturais, deixando de contribuir para o crescimento de si mesmo e também não acrescentando nada no desenvolvimento da espécie e da história

da humanidade. O indivíduo que é tratado com um carinho exagerado é privado de viver as dificuldades da vida, e, ao se tornar um adulto, sofrerá mais, pois, ao encontrar-se em sociedade, não será privado de receber esses abalos que eram amenizados por seu tutor.

O homem não pode tornar-se um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz. Note-se que ele só pode receber esta educação de outros homens, os quais a receberam igualmente de outros. Portanto, a falta de disciplina e de instrução em certos homens os torna mestres muito ruins de seus educandos (KANT, 1996, p. 15).

No trecho acima extraído do texto *Sobre a Pedagogia*, Kant afirma que o homem só será um verdadeiro homem. Ao se submeter ao processo educacional, pois é ele quem se encarrega de extrair-lo da selvageria e inseri-lo na vida em sociedade, onde ele deve buscar sempre controlar seus desejos, para alcançar seu fim cosmopolita. A educação¹¹ ultrapassa o âmbito escolar, é uma educação recebida de outros indivíduos, que se estende por gerações, onde uma se encarrega de educar as próximas. Cada indivíduo, ao nascer, precisa de um tutor, o qual tomará decisões por ele até que ele consiga fazer por si mesmo suas próprias escolhas. Por esse motivo é necessário que se tenha bons tutores, pois os bons tutores formarão novos indivíduos com grandes possibilidades de superar seus mestres. O homem que vive no seu estado selvagem até tarde, ainda assim pode ser moldado e extraído do estado selvagem, pois se moldar, se disciplinar, faz parte do processo educacional kantiano. A disciplina é um processo rigoroso e que demanda tempo.

2.3 O homem de acordo com Kant

Em *Sobre a Pedagogia*, o filósofo expõe seu projeto de teoria da educação, e nos direciona a pensar que é possível alcançar o modelo ideal educacional da sociedade. Na condição de tratarmos o modelo kantiano da sociedade mais justa possível como uma utopia, ela se tornará algo inalcançável. Como existem obstáculos, que dificultam atingir esse fim, Kant usa o termo *Ideia* para indicar que algo ainda não foi atingindo pelos homens no mundo prático. Porém, isso não significa que ele não possa ser atingido. Por

¹¹ De acordo com o trabalho desenvolvido por Elza Benedita Ferraz Ribeiro, Kant recebeu uma boa educação de sua família, isso teria despertado no filósofo um interesse pelo conhecimento, de modo que ele dialogava com as pessoas na busca por conhecimentos diversificados e informações que circulavam por diferentes lugares. Seu interesse pelo conhecimento contribui para que ele faça observações sobre o mundo e as formas de conhecimento (2002, p. 32).

essa razão existem as leis, um suporte para atingir o fim da humanidade. Essas leis são criadas de acordo com um modelo de sociedade, projetada para que se alcance tal modelo perfeito. Ao mesmo tempo, por exemplo, a insociabilidade dos homens possui determinada importância na sociedade, auxiliando e contribuindo para que os outros alcancem no mais alto grau o desenvolvimento de suas disposições naturais.

Celso de Moraes Pinheiro aponta uma pergunta de grande importância para a filosofia kantiana, com a qual Kant se empenha para descobrir nossa essência: “o que é o homem?”. O homem possui uma dualidade, é o único ser que se encontra no mundo sensível e também numênico, isto é, o homem, além de fazer parte da sensibilidade, também é um ser inteligível, por essa razão é fundamental que ambas as partes se unam:

Em sua obra, Kant procura analisar e discutir a essência e a significação do homem, bem como seu papel e seu fim no mundo. O caminho, escolhido por nosso autor, parte de uma divisão do homem em dois âmbitos. Por um lado, o homem é compreendido como ser sensível, que vive no mundo sensível, que vive no mundo fenomênico, e convive com as determinações da natureza. Por outro lado, o homem é considerado um ser inteligível, pertencente ao mundo numênico. O que buscamos compreender, por meio da análise dos principais conceitos ético-políticos em Kant, levado a cabo a partir de sua duplicidade, é um e mesmo. Ou seja, o homem, dividido entre o âmbito sensível e inteligível, é único. Há, portanto, a necessidade de reunificação desses dois mundos (PINHEIRO, 2007, p. 14).

A educação kantiana é compartilhada pelas gerações passadas com as gerações futuras, porém cabe a nós desenvolvermos as disposições naturais da melhor forma possível. O homem, então, é moral, possui responsabilidade sobre seu agir. O tutor não pode atingir a finalidade da espécie de modo individual, pois essa finalidade é efetuada em conjunto por todos os indivíduos da espécie. Por fim, o projeto de educação é de cunho prático, e a educação deve ser exercitada de tal modo que se torne uma segunda natureza¹² para o homem. Cabe somente a ele desenvolver suas capacidades, e uma das exigências da natureza é que elas sejam desenvolvidas para o bem, portanto, isso indica a existência da moralidade no homem.

¹² De acordo com Alonso Bezerra de Carvalho, a primeira natureza é aquela em que o homem se encontra em uma natureza selvagem, a seguinte é a educação, que de tanto ser praticada pode ser vista de acordo com Kant como uma segunda natureza, que é adquirida pelo homem (2010, p. 13).

2.4 A presença da moralidade nos homens

A razão nos homens é fundamental para que se tenha uma ação moral. Por esse motivo a educação se torna um desafio muito árduo a ser alcançado e aperfeiçoado, tendo em vista que os homens têm de agir contra seus extintos selvagens, e os conhecimentos adquiridos se tornam fundamentais nas ações de cada indivíduo em particular, refletindo, logicamente, no desenvolvimento da espécie. A educação kantiana ganha um atributo de arte, porque cada indivíduo transmite conhecimentos aos sucessores, que vão sendo transmitidos aos seguintes, inserindo assim a razão no seio da história.

Com o objetivo de observar as etapas percorridas por Immanuel Kant, Celso Moraes Pinheiro analisa o pensamento do autor. O homem, ao nascer, é educado, se torna autônomo, conseqüentemente fará uso do seu próprio entendimento, sem o auxílio de outrem, formando seus próprios valores. A educação é de cunho prático, pelo qual cada indivíduo, se fosse conduzido por uma força interna, conseqüentemente, não revelaria o vetor do progresso. Desse modo, percebe-se como a educação é um projeto rigoroso e trabalhoso, responsável por unir o indivíduo no seu conceito de homem e também no sentido de humanidade. O autor comenta:

A educação tem como tarefa própria, encaminhar o homem em direção ao fim último, que é a sua ideia de perfeição. Assim, uma educação que atinja sua finalidade cumpre, ao mesmo tempo, a finalidade da filosofia moral e política. O homem moral é o ideal a ser seguido no processo de educação, e apenas a sociedade politicamente justa está apta a capacitá-lo a cumprir sua inteira destinação. Ora, a fim de obtermos uma sociedade justa, faz-se necessário um conjunto de cidadãos também justos, vale dizer, morais. O processo de educação perpassa os dois âmbitos, a fim de possibilitar a efetivação desse homem, mesmo que apenas como espécie (PINHEIRO, 2007, p. 15).

O período vivido por Kant é marcado pela existência de uma revolução denominada de “Revolução copernicana”, ela ganha esse nome, por marcar o fim do pensamento filosófico em torno do religioso, surgindo um homem com pensamento mais crítico e voltado para a razão. De início, a felicidade era vista como um fim voltado para a fé. Logo, se torna uma felicidade voltada para o encontro de uma sociedade perfeitamente justa, na qual o ser moral deve estar em concordância com o ser político. Até mesmo o homem mau deve agir de acordo com a moralidade, por esse motivo observamos a dificuldade que existe para se desenvolver a educação. A educação é um

projeto trabalhoso e feita em passos lentos, tratada como uma arte, para Kant, portanto, educar da forma correta é importante, dado que os próximos receberão conhecimentos transmitidos por várias gerações. O filósofo aponta duas difíceis tarefas: governar e educar.

Conforme o autor expõe, a educação é vista como arte por ser construída pelo homem de forma tão complexa, bela e importante. O início do processo educativo e o seu desenvolvimento pode ser pautado como *mecânico* ou *raciocinado*. Desse modo, a educação é mecânica quando se aprende por meio da prática alguma utilidade ou que algo que lhe é danoso. A parte negativa da educação mecânica é que ela possui equívocos e espaços, já que não se encaixa em nenhum plano, como, por exemplo, o da natureza. Kant afirma: “a educação e a instrução não devem ser puramente mecânicas, mas devem fundar-se no raciocínio puro, mas, num certo sentido, também no mecanicismo” (KANT, 1996, p. 29). A educação não deve ser somente mecânica, isto é, a prática de uma ação que não é pensada, ela deve ser baseada em um equilíbrio do mecanicismo:

O primeiro período para o educando é aquele em que deve mostrar sujeição e obediência passivamente; o segundo é aquele em que lhe é permitido usar a sua reflexão e a sua liberdade, desde que submeta uma e outra a certas regras. No primeiro período, o constrangimento é mecânico; no segundo, é moral (KANT, 1996, p. 31).

O que o autor expõe é que, nos primeiros anos da educação humana, nós temos a exposição de uma sujeição do ser a normas impostas por outros homens, isto é, seu tutor, a pessoa que ficou a cargo que instruí-lo e orientá-lo. Logo após, suas ações são raciocinadas, deixando de ser apenas mecânicas, portanto, o indivíduo faz uso da sua liberdade nesse segundo momento, deliberando por si mesmo. O mais preferível é que a pedagogia¹³ seja raciocinada, ou melhor, que se transforme em um estudo, e não se deve aguardar nada daqueles que não foram educados da forma correta. Os pais possuem uma carga de educação e são modelos para os filhos. Quando a educação não é raciocinada, o esforço para desenvolver a educação é inútil, podendo demolir o que as gerações passadas construíram.

¹³ A palavra pedagogia tem sua origem no grego, é a junção de duas palavras: *paidós*, que se traduz como criança, e *agogé*, que quer dizer condução. Ou seja, um pedagogo é aquele que conduz a criança, visto que a criança kantiana, ao nascer, deve passar por etapas. Uma delas é ser cuidada por um tutor já esclarecido, e consequentemente aprender a fazer uso da sua própria razão. Desse modo ela torna-se destinada à tarefa de mostrar a outra criança, no futuro, o caminho para que ela também o faça por si mesma.

É necessário que se pense a educação de uma criança em face do contexto em que nos encontramos, estudando um estado melhor futuro (esse é o destino da espécie humana), mesmo que a criança se encontre em um mundo repleto de corrupção, havendo, assim, a possibilidade de enxergar um futuro melhor, com homens moralmente justos e éticos (sociedade justa). Contudo, encontram-se duas dificuldades presentes, que prejudicam o processo de educação. Primeiramente, os pais devem ter zelo, se preocuparem com a educação que será transmitida aos seus filhos, eles devem ser bons cidadãos. Em seguida, os governantes não devem tratar os seus súditos como uma mera ferramenta de alcance de seus objetivos. Os pais, em casa, são aqueles que governam o lar, já no Estado transfere-se o poder de governar a outros que devem governar da melhor forma possível para todos.

Em alguns momentos é necessário renunciar a algumas coisas que seriam boas para o indivíduo em particular, por ser danoso para nosso ideal cosmopolita, contrariando os afetos. Por esse motivo, percebemos que uma educação bem trabalhada deve preparar, de acordo com o filósofo, para o bem. Para Kant, o mal existente no mundo advém da não submissão às normas morais, decorrente de uma má educação, na qual o homem não desenvolve corretamente suas disposições. Em razão disso, existe no homem apenas princípios para o bem. Isto é, o homem é bom por natureza, porém necessita desenvolver suas disposições para o bem, portanto, o mal não é algo que lhe é inato, mas é consequência de uma não submissão aos ideais de uma boa educação.

Uma boa educação é justamente a fonte de todo o bem neste mundo. Os germes que são depositados no homem devem ser desenvolvidos sempre mais. Na verdade não há nenhum princípio do mal nas disposições naturais do ser humano. A única causa do mal consiste em não submeter a natureza a normas. No homem não há germes, senão para o bem. (KANT, 1996, p. 24-25).

Observamos que a educação dos príncipes deve ser a melhor. Cabe a eles aperfeiçoar sua própria educação, que sempre foi equivocada. Kant toma como exemplo uma árvore, que cresce em meio a outras árvores. Esta é direcionada pelas outras a desenvolver-se levantada, enquanto aquela que não cresce em meio às outras tem seus galhos dispersos por todas as direções. O mesmo acontece com o homem que vive em sociedade, ele tende a ser direcionado, segue o mesmo caminho que os outros. Já aquele que se isola, tende a trilhar um caminho desconhecido, sozinho, ignorando a vivência dos

outros indivíduos, e não se desenvolvendo por completo. Um príncipe deve preocupar-se com os assuntos de seu povo, não deve governar apenas para si. O dinheiro dos impostos deve ser destinado para melhorias para o bem do povo e não para interesses individuais, o bom príncipe deve governar para todos. O trabalho desenvolvido por Kant a respeito da moral consiste em expor a existência de uma consciência da moral como um fato. Portanto, é necessário vê-la como uma lei, pois a pessoa deve agir moralmente.

Nesse sistema educacional descrito por Kant, notamos a transferência paulatina da responsabilidade para a criança em evolução. No início da vida da criança ela é dada ao tutor. Logo após, o indivíduo passa a fazer uso do seu entendimento, faz suas próprias escolhas. Por fim, quando se encontra bons governantes, dá-se passos para alcançar o fim da espécie, necessitando-se do esforço daqueles que possuem uma boa educação e que se importam com o futuro de uma sociedade melhor. Muitos príncipes tratam os homens como animais, com serventia apenas para a procriação, portanto, a atitude que se espera é que suas disposições se desenvolvam somente para interesses próprios. Para Kant, os homens em particular devem visar ao desenvolvimento da espécie, tornando-a mais habilidosa e também a dotando da maior moralidade efetiva possível. E finalmente, o mais dificultoso, os homens devem guiar a geração seguinte para alcançar o desenvolvimento de suas disposições da forma mais excelente possível, dando origem a um indivíduo devidamente educado, apto moralmente e destinado politicamente.

CONCLUSÃO

Neste trabalho procuramos, em diferentes textos de Kant e de seus comentadores, possibilidades de analisar a história como progresso, e também procuramos observar as limitações desse progresso, ou seja, sua não existência para Walter Benjamin. Isso ocorre quando observamos que muitos indivíduos não tiveram espaço para participar e apresentar suas capacidades, contribuindo para o progresso descrito por Kant, por terem sido massacrados por outros homens e consequentemente terem suas histórias ocultadas. Abrimos assim a possibilidade para pensar diversos tópicos da filosofia de Kant, como, por exemplo, a natureza do homem ao longo do tempo, com possibilidade de transmitir conhecimentos às gerações seguintes ao compreender e construir sua própria história, tornando possível sua realização ao se reconhecer na humanidade.

Em todas as obras kantianas, quando bem observadas pelos leitores, há uma importância direcionada ao homem. Kant, no seu modelo de filosofia, afirma o homem na sua especificidade, buscando descrever seu meio e construir conhecimentos diversos, principalmente sobre si próprio, de modo que o homem precisa se reconhecer como homem e como parte da humanidade. Ao nascer o homem necessita da educação para, consequentemente, se emancipar dos cuidados de outros e fazer um julgamento sobre si, conhecer seus limites e fazer uso do seu próprio entendimento.

Assim, compreendemos que a educação é de suma importância para a construção de si mesmo, visando a um fim cosmopolita, onde todos os indivíduos já trabalharam para desenvolver suas disposições do melhor modo possível, de tal modo que em conjunto essa possibilidade se torna possível, uma vez que o fim cosmopolita só é possível quando se progride conjuntamente. Ser justo sozinho não permite o alcance das capacidades humanas por completo e no seu grau mais elevado, pois é no coletivo que os outros fazem despertar uns nos outros a excelência dessas possibilidades de desenvolvimento devido às suas múltiplas capacidades.

O modelo kantiano de educação pode ser analisado de dois modos. Primeiramente, temos a educação física, que diz respeito aos cuidados com o corpo, e também temos a educação prática, que corresponde à prudência e à moral, que implica em um agir do modo que se deve. O homem participa de ambos os tipos de educação, os animais não, pois a educação prática tem a ver com o homem que é o único ser moral.

A educação do homem, para Kant, é um processo gradual acompanhado de progresso, no qual os homens desenvolvem suas capacidades e contribuem para o desenvolvimento da história da humanidade, para um fim cosmopolita, isto é, a sociedade mais justa possível. Isso ocorre com o desenvolvimento máximo das capacidades dos indivíduos, que evoluem em conjunto, na sua forma mais perfeita possível. Porém, Benjamin expõe a contradição diante desse assunto, pois, do seu ponto de vista, não é possível que os homens alcancem tal sociedade, com tanta violência, morte e dominação de outros homens, pois há culturas, histórias, vidas que são extintas, o que impede que o homem desenvolva suas capacidades. São então destruídas possibilidades, que não são contadas por aqueles que foram derrotados e tiveram sua história e desenvolvimentos ocultados.

Para Kant o homem passa por um processo que é construído não apenas por si mesmo, mas por todos que no decorrer do tempo acumulam conhecimentos, experiências, que são repassados adiante. Ao nascer, outro faz escolhas por ele. Assim, sua educação deve ser voltada para que ele as faça posteriormente por si mesmo, atingindo um esclarecimento e se preparando para cada momento de sua vida, que deve permitir-lhe dar continuidade a esse processo de aprendizagem contínua a ser passado para as gerações seguintes. Por essa razão, é necessário que o indivíduo seja um bom aprendiz e um bom mestre, é preciso que saiba usar sua razão, se discipline e discipline as futuras gerações.

Portanto, há no homem descrito por Kant uma capacidade que o diferencia dos outros animais, que é a educação, capaz de fazer com que ele reflita sobre suas ações e as direcione da melhor forma possível, tornando-o um modelo de homem. Pensar o progresso na história não só auxilia na evolução, mas possibilita sua própria história e serve de instrumento para sua construção. Desse modo, podemos perceber que a questão merece ser melhor desenvolvida devido ao nível da sua complexidade. É preciso investigar mais a fundo o processo educativo e a construção da história dos homens, para melhor defini-la. É necessário, para ampliar a educação do homem, pensar a história da educação dos homens.

BIBLIOGRAFIA:

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. **Magia e técnica, a arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-232.

CAYGILL, Howard. **Dicionário Kant**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

KANT, Immanuel. **Ideia de uma História Universal de um ponto de vista Cosmopolita**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. São Paulo: Unimep, 1996.

_____. Direito Cosmopolita. In: _____. **A Metafísica dos Costumes**. 2. ed. Bauru: Edipro, 2008. Cap. 2. p. 194-197.

_____. Resposta à pergunta: Que é "Esclarecimento"? In: _____. **Textos seletos**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 100-117.

_____. “Do carácter da humanidade em geral”. Lições sobre antropologia [1776-76]. **Estudos kantianos**, Marília, v. 1, n. 1, p. 265-282, Jan./Jun., 2013.

CARVALHO, Alonso Bezerra de. **A filosofia da educação kantiana: educar para a liberdade**. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/128/3/01d07t03.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

KUCIAK, Alexandre. **Teoria do conhecimento e razão nas teses de Walter Benjamin**. 2005. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/ppglettras/IIjornadaestlit/artigos/comparada/KUCIAKAlexandre.pdf>>. Acesso em: 9 dez. 2018.

LOURENÇO FILHO, Armando; LIMA, Bárbara Carvalho Marques Toledo; GUIMARÃES, Gustavo Henrique Escobar. Um diálogo entre as concepções de disciplina de Kant, Dewey e Freire. **Impulso**, Piracicaba, v. 23, n. 56, p. 61-72, 25 abr. 2013.

PINHEIRO, Celso de Moraes. Kant e a necessidade da educação. In: _____. **Kant e a educação**. Caxias do Sul: Educus, 2007. p. 01-31.

RIBEIRO, Elza Benedita Ferraz. **Um estudo sobre Immanuel Kant: a arte de educar**. 2002. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

RIBEIRO, Sergio A. Educação para a liberdade - uma perspectiva kantiana. **Bio&thikos**, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 93-97, 20 jan. 2011.

SANTOS, Leonel Ribeiro. Breve apresentação de “Do carácter da humanidade em geral”. Lições sobre antropologia de Immanuel Kant [1776-76]. **Estudos kantianos**, Marília, v. 1, n. 1, p. 255-264, Jan./Jun., 2013.

SOUSA, Rui Bragado. **Walter Benjamin e a teoria messiânica da história**. **Urutágua**, Maringá, n. 9, p. 99-115, 30 nov. 2013. Semestral.